venções significativas para o desenvolvimento das habilidades e competências das crianças e dos professores.

REFERÊNCIAS

ASSENCIO-FERREIRA, Vicente José. O que todo professor precisa saber sobre neurologia. São José dos CAMPOS: Pulso, 2005

BOCK, Ana Mercês Bahia et ali. Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo, Saraiva, 1989.

CARRARO, Renata. Reportagem Revista criança – MEC\SEB, 2006.

COLL, César. Piaget, o construtivismo e a educação escolar: onde está o fio condutor? In: Substratum: Temas Fundamentais em Psicologia e Educação, v.1,

n.1 (Cem Anos com Piaget). Porto Alegre, Artes Médicas, 1997. p.145-164.

DAVIS, Claudia, OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Psicologia da Educação. São Paulo, Cortez, 1991.

FERREIRO, Emilia. Alfabetização em Processo. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emilia. Com Todas as Letras. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. A Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas 1985. 284p.

FERREIRO, Emilia. Reflexões Sobre Alfabetização. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo, A importância do ato de ler. 29ª ed. – São Paulo, Cortez,

1.994.

JOSÉ & COELHO. Problemas de aprendizagem. São Paulo: Ática, 2002

ASSENCIO-FERREIRA, Vicente José. O que todo professor precisa saber sobre neurologia. São José dos CAMPOS: Pulso, 2005

KATO, Mary. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística. São Paulo: Atica, 1986

LECKMAN, JF, Peterson, BS, Paulo, DL&Cohen, DJ. Transtornos de tique. In Miguel, EC, Scott, LECKMAN, JF. Neuropsiquiatria dos gânglios de base. São Paulo. Lemos, 1998

PAÍN, Sara. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.

Porto Alegre: Artmed, 1992

OS ENTRAVES ENFRENTADOS PELAS ESCOLAS PÚBLICAS NO DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA ESCRITORA DE FORMA EFICAZ NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

KÁTIA ALVES DA GAMA SANTOS

RESUMO

O desejo de pesquisar sobre este tema partiu da análise da produção escrita dos alunos do 9º ano de uma escola estadual da rede pública do Estado de São Paulo, em que a maioria dos estudantes frequentam essa escola desde o 6º ano e que levou a várias reflexões desde a formação dos professores à prática docente em sala de aula, primeiramente desta escola, ampliando esta análise para a rede pública de ensino. A

partir dessa problemática, este trabalho tem como objetivo investigar o motivo da defasagem da competência escritora dos estudantes de escolas públicas nos anos finais do Ensino Fundamental, bem como analisar os problemas que impactam o desenvolvimento desta competência nas instituições de ensino. Essa investigação busca apoio teórico em especialistas tais como FREIRE (1993-1994), GERALDI (2004), PENIDO (2018) e COLELLO (2012). Aborda discussões como as habilidades voltadas à escrita e reescrita do Currículo Paulista e a análise das Competências Gerais da BNCC – Base Nacional Comum Curricular corroboram com o desenvolvimento da competência escritora. A partir de reflexões, análises e interpretação dos dados, utilizando o método indutivo, permite-se afirmar que 1. a competência escritora não é desenvolvida de forma eficaz nas escolas dos anos finais do Ensino Fundamental; 2. as habilidades do Currículo Paulista e as Competências Gerais da BNCC contemplam a competência escritora, porém falta formação ou acompanhamento adequado aos professores para que articulem esses documentos à sua prática pedagógica.

Palavras-chave: Fragilidades na Competência Escritora: escrita e reescrita.

Formação docente. Metodologia.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata sobre a ineficácia da prática do desenvolvimento da escrita e da reescrita de textos, na maioria das escolas públicas dos anos finais do Ensino Fundamental. Fato originado a partir da análise individual de várias produções de texto dos alunos do 9º ano, em especial, dos alunos com nível de proficiência adequado, como também da reflexão da análise de dados de pesquisa e o baixo resultado de avaliações externas, em relação à produção de textos. Sendo assim, as discussões aqui apresentadas são: se os alunos com o nível de proficiência adequado, não desenvolveram as habilidades mínimas para produzir textos, qual é o nível de escrita em que os demais alunos se encontram? Para chegar ao 9 ano com tais fragilidades, como a escola tem desenvolvido a escrita desde o 6 ano? A escola, enquanto um ambiente de desenvolvimento integral e aprendizado do aluno tem negligenciado a parte escrita, privilegiando apenas a competência leitora, de modo a "treinar" o estudante a assinalar a resposta correta em provas objetivas internas e externas? Leitura e escrita têm sido trabalhadas de forma dissociada no ambiente da sala de aula?

Atualmente, na maioria das escolas públicas, a prática de produção de textos não é desenvolvida de forma eficaz, de modo a garantir que o aluno tenha voz a ponto de exercer de forma crítica a sua participação social, pois a maioria dos educandos veem a produção textual como uma atividade que exige muito esforço e dedicação, que para muitos não há funcionalidade, já que o único leitor será o professor. Segundo GERALDI, (2004 p.65),

[...] é preciso lembrar que a produção de texto na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos)". Para a maioria dos professores, de igual modo, a correção de textos e questões dissertativas, também requer tempo e esforço, visto que o traba-

lho de correção envolve não só a escrita, como também a reescrita dos textos.

Breve análise da competência escritora dentro da BNCC

Analisando as Dez Competências Gerais, percebe-se que há uma preocupação com todas as dimensões do desenvolvimento humano, ou seja, a parte cognitiva, acadêmica e intelectual, mas também o desenvolvimento físico, emocional e cultural. Trata-se de conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que precisam estar conectados com os desafios que o mundo contemporâneo oferece. Segundo (Penido, 2018), não adianta desenvolver a capacidade de ler e escrever dos alunos, se eles não sabem escutar, se comunicar, expressar suas ideias com clareza, emitir opiniões com argumentos contundentes que sustentem suas ideias e resolvam os problemas do cotidiano. Logo, o desenvolvimento das Competências Gerais da BNCC não deve ser isolado dos componentes curriculares, desta forma, acredita-se que a Base Nacional Comum Curricular, mesmo passando por reformulações, contempla a competência escritora, desenvolvida através dos objetos de conhecimento, conforme o Currículo Paulista em todas as disciplinas, especialmente em Língua Portuguesa.

Refletindo sobre cada uma das Competências Gerais da BNCC, é possível inferir que a competência escritora poderá ser desenvolvida através das dez competências, no entanto, percebe-se que a maioria das escolas trabalham essas competências de forma mais evidente usando metodologias voltadas à oralidade, reflexão e tomada de decisões, privilegiando o registro da escrita em menor escala. Isso pode ser evidenciado através das habilidades do Currículo Paulista dos anos finais do Ensino Fundamental, cujas habilidades em sua maioria pouco tratam da escrita e da reescrita, ainda mais neste momento de pandemia, devido à necessidade do isolamento social, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo – SEDUC, delimitou o Currículo, sendo desenvolvida apenas as habilidades essenciais.

Conforme o documento de Matriz de Referência do SARESP 2019, as competências cognitivas são distribuídas em três grupos: GI – Competências para observar; GII – Competências para realizar e GIII – Competências para compreender. Para um bom texto, obviamente, o aluno dos anos finais do Ensino Fundamental, dependendo do gênero textual, precisa já dominar habilidades concernentes ao grupo III, como analisar, avaliar, criticar, explicar, levantar suposições, fazer prognósticos, fazer generalizações indutivas ou construtivas, justificar etc. No entanto, o que se percebe é que a maioria dos alunos da rede pública, muitas vezes conseguem localizar a alternativa correta em provas objetivas, entretanto em questões dissertativas, em que é necessário que esse estudante produza o conhecimento e expresse através da escrita a sua compreensão sobre um determinado assunto, ele não consegue ou possui dificuldade.

O trabalho docente em relação ao desenvolvimento da escrita

Muitas habilidades e conteúdos relacionados à escrita, são consolidados nos anos finais do Ensino Fundamental e devido a competência escritora não ser

desenvolvida de maneira adequada, isso é refletido no Ensino Médio. Prova disso é o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, que segundo o INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, entre os mais de 2,7 milhões de textos corrigidos, 28 candidatos obtiveram a nota máxima e mais de 87 mil zeraram a redação, conforme relatório disponível no site da instituição.

Diante das análises e dados apresentados acima, para a fundamentação dessa metodologia científica, foi realizada uma pesquisa para mensurar de forma quantitativa e até mesmo qualitativa o trabalho docente em relação ao desenvolvimento das habilidades voltadas à escrita e reescrita de textos. A pesquisa foi realizada através de Formulário Google e respondida por cento e cinquenta e três pessoas. Desta quantidade, mais de 60% têm ensino superior e 71% estudaram em escola pública estadual, sendo este último dado o foco da nossa pesquisa.

Sabe-se que para escrever, é necessário obedecer a certas características que a escrita tem na sua prática social, desta forma o educador precisa instigar o aluno a reproduzir o funcionamento da escrita na sociedade. Diante disso, é imprescindível que o professor proponha atividades que desenvolvam a escrita, porém de acordo com a pesquisa realizada, dos 71,2% dos entrevistados, mais de 40%, dos que responderam, alegam que durante os anos finais do Ensino Fundamental, o professor responsável pela disciplina de Língua Portuguesa solicitava somente “às vezes” uma produção de texto; e 5% alegam que o professor de Português “nunca” solicitava redações para desenvolver a competência escritora.

Sabe-se que reescrever é tornar o texto mais adequado a uma determinada finalidade, a um certo tipo de leitor e a um gênero específico. É saber transformar uma história em uma notícia, desenvolver resumos, identificando e selecionando o que for mais importante, ou seja, requer muitas habilidades. Logo reescrever é tão importante ou mais importante do que apenas escrever. É através da reescrita que o docente poderá realizar as intervenções necessárias para o progresso da competência escritora do aluno. No entanto, a pesquisa prova que o que acontece é justamente o contrário: após o professor corrigir as atividades de escrita, mais de 35% dos que responderam alegam que o professor “nunca” devolvia o texto para ser revisado. Mais de 36% informaram que isso acontecia “algumas vezes sim outras não”.

De acordo com Colello (2012, p.29),

Na progressão erigida pelo fazer e refazer, construir e reconstruir, agir e refletir, o jovem aprendiz é sempre convidado a considerar outros pontos de vista e novas possibilidades de produção ou de interpretação oferecidas pelo desequilíbrio cognitivo e pelo aprendizado.

O desenvolvimento da competência escritora é tão importante, pois além de capacitar o indivíduo para o exercício da cidadania, o auxilia para expressar-se corretamente através das letras e é requisito essencial para o ingresso em muitos concursos públicos, faculdades, escolas de cursos profissionalizantes, vagas de empregos e inclusive o ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio, tanto é que

quase 90% dos entrevistados precisam ou precisaram fazer uma redação para provar seus conhecimentos. Todavia, o que se percebe é que tal competência tem sido negligenciada durante os anos finais do Ensino Fundamental, principal período do alicerce dos gêneros textuais e conhecimentos linguísticos que são desenvolvidos no educando.

O resultado de tudo isso são pessoas despreparadas ou mesmo inseguras que "tremem na base", quando são solicitadas a produzir algo. Sentem-se mais seguras em falar do que escrever e infelizmente, muitas perdem oportunidades acadêmicas e profissionais, devido a essa falta de preparação adequada, como mostra a pesquisa sendo: 22,6% alegam que leem e compreendem bem, mas no momento de escrever o que compreenderam ficam confusos; 37,4% responderam que possuem dúvidas em relação à sua escrita, até escrevem bem, mas ainda assim apresentam dificuldades. Logo, das cento e cinquenta e cinco pessoas que responderam o formulário, noventa e duas pessoas não se sentem preparadas para produzir um bom texto.

Dados preocupantes como estes, indagam de quem é a culpa desse processo falho na aprendizagem e muitos colocam toda a responsabilidade sobre o professor de Língua Portuguesa, visto que de acordo com a pesquisa 43,9% das pessoas alegam que só o professor do componente curricular de Língua Portuguesa tem a preocupação se o aluno escreve bem ou não; e deste percentual, nem todos oferecem uma devolutiva ou solicita a reescrita. Já para os docentes de outras disciplinas, 13,5% dos entrevistados, alegam que eles se preocupam com o processo de escrita do aluno, enquanto 20,6% alegam que quase todos os professores, independente da disciplina, preocupam-se com o desenvolvimento da competência escritora.

Falhas da formação docente no desenvolvimento da escrita

Percebe-se que os dados apresentados apontam uma falha na metodologia utilizada em sala de aula e que esta decorre da falta da formação continuada do professor ou mesmo do acompanhamento da gestão pedagógica. O processo de formação docente demanda força de vontade do próprio professor, a partir do reconhecimento de suas limitações e o desejo de aprimorar a sua prática, para que a educação contemple as necessidades histórico e sociais da atualidade. Além disso, cabe aos órgãos competentes criar e facilitar as condições necessárias para essa formação. A exemplo disso, a Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos

Profissionais da Educação "Paulo Renato Costa Souza" (EFAPE) tem o propósito de apoiar todos os servidores da SEDUC-SP em seu desenvolvimento profissional integral, no entanto muitos professores não buscam por sua formação continuada, fazendo com que os indicadores de aprendizado caiam consideravelmente.

Quanto ao acompanhamento docente, muitas vezes, vemos o coordenador mais preocupado apenas com questões burocráticas do que com a prática pedagógica, negligenciando o espaço do ATPC (Aula Trabalho Pedagógico Coletivo), onde poderá ouvir as necessidades dos professores, articular e compartilhar seus conhecimentos didáticos que vão fazer com que

a equipe o aceite como o parceiro mais experiente, procurando-o como apoio pedagógico, com o objetivo de diminuir os problemas de aprendizagem, inclusive às habilidades concernentes à competência escritora.

Conforme Freire (1993, p. 20),

[...] a educação, como formação, como processo de conhecimento, de ensino, de aprendizagem, se tornou, ao longo da aventura no mundo dos seres humanos uma conotação de sua natureza, gestando-se na história, como a vocação para a humanização de que falo na Pedagogia do Oprimido e na Pedagogia da Esperança.

Por falta de formação e acompanhamento necessários, muitos professores ainda desenvolvem a competência leitora separadamente da competência escritora. Solicitam atividades sem sentido, em que o aluno simplesmente copia um texto do livro ou da lousa e ao apresentar o caderno, o aluno ganha um visto ou uma nota. Isso é perceptível na fala dos estudantes, quando diante de uma de uma determinada situação dizem: “Ah, mas pelo menos eu copiei”, “Se eu ler ou copiar vale nota?” Essas falas revelam um comportamento docente que privilegia a cópia, a decoreba e à educação bancária, que segundo Freire (1994), trata-se de um tipo de ensino tradicional, em que o professor é único detentor do conhecimento, que apenas transmite um conhecimento pronto.

A escola precisa desenvolver a competência escritora, através da prática da oralidade, pois entre as esferas da construção da língua escrita, Colello (2012, p.29) afirma que é possível observar:

Relação entre a oralidade e a escrita, o que pressupõe o reconhecimento dessas diferentes formas de linguagem e de suas variações para poder lidar com as particularidades de ambos os sistemas (a letra, a palavra, o parágrafo, a pontuação, as regras, a relação interlocutiva do falante ou do leitor do texto etc.), assimilando-os e ampliando assim o repertório linguístico.

Contribuições do sistema educacional no processo de ensino aprendizagem

Percebe-se que o sistema educacional contribui para o insucesso do desenvolvimento da competência escritora, visto que dificilmente nas avaliações externas são solicitadas produções de texto. Quando solicitadas, são aplicadas em pouquíssimas escolas como amostragem, entretanto essa pequena amostragem não é o suficiente de acordo com o número de estudantes que temos na rede. Existem muitos alunos que chegam aos anos finais do Ensino Fundamental que não sabem ler e muito menos escrever, porém, muitos, são capazes de assinalar a resposta correta, se o professor fizer a leitura da prova para ele. Provavelmente, este aluno responde corretamente muitas questões a partir desta leitura terceirizada, devido ao seu conhecimento de mundo e não devido a um trabalho de ensino/aprendizagem adequado. Atividades com questões de múltipla escolha, têm melhores resultados do que atividades com questões dissertativas, pois exigem uma construção e organização do conhecimento do que

simplesmente assinalar a resposta correta, que pode ser acertada devido a "um chute". Não se trata de excluir as avaliações objetivas, mas sim, em investir numa aprendizagem permeada por projetos, que desenvolvam várias habilidades, entre elas a leitura e a escrita, de forma social, fazendo sentido para o aluno.

Desde a década de 90, estudiosos da educação buscam a compreensão do processo de letramento e práticas eficazes em sala de aula, que trazem a necessidade de contextualizar o sistema de escrita com a prática social, todavia existem certos vícios pedagógicos já enraizados, um ensino de língua meramente funcional, que não valoriza os diferentes tipos de falares, que não desenvolve a prática social, a comunicação efetiva, a interação e os diversos modos de expressão. Trata-se de uma dificuldade a uma nova postura educacional diante do ensino, decorrente de questões políticas, situações precárias de trabalho, falta de formação docente adequada e em muitos casos, resistência às mudanças por parte dos próprios professores, afetando consequentemente os alunos, por meio da falta de interesse, entre tantas outras situações. Diante deste cenário, a escola precisa interiorizar a importância da leitura e da escrita, de modo que o estudante possa construir relações entre ele e o mundo, sendo o sujeito de seu aprendizado e transformando-se em um cidadão apto para uma prática social eficaz.

De acordo com Colello (2012, p. 119),

A escrita não é só compreendida como uma atividade de constituição linguística formulada pelos enunciados (as efetivas unidades de sentido), sob a forma de gêneros discursivos, mas também como exercício dinâmico de constituição da pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos aqui explicitados, percebe-se as escolas públicas, em especial, dos anos finais do Ensino Fundamental, desde o 6º ano não têm desenvolvido a competência escritora de maneira eficaz, pois ao chegar no 9º ano, a maioria dos alunos, inclusive com o nível de proficiência adequado, apresentam defasagens na escrita. Percebe-se a dificuldade em produzir textos que atendam a um determinado tipo de gênero textual e suas características, há falhas em conhecimentos linguísticos como pontuação simples, acentuação, concordância verbal e nominal, não há coesão e coerência nos textos, possuem erros ortográficos primários, não atendem ao tema proposto ou não conseguem desenvolvê-lo, visto que os estudantes não têm contato com os diferentes gêneros textuais ou não leem sobre diferentes assuntos, de modo a desenvolver a criatividade, a argumentação, a formação de opinião, a criticidade e até mesmo a responsabilidade para o exercício da cidadania. Mesmo com todas estas dificuldades aqui elencadas, os educandos, são capazes de assinalar as respostas corretas em avaliações internas e externas do sistema educacional, porém a maioria não é capaz de produzir e desenvolver um assunto através da escrita. Uma porcentagem assinala a resposta correta, devido

a um “chute” ou porque os demais distratores são um absurdo, outros porque são treinados para assinalar e uma pequena porcentagem de estudantes assinala com propriedade. Isso traz um resultado que não corresponde à realidade, trata-se de uma falha no processo pedagógico, na metodologia aplicada em sala de aula. Percebe-se em muitas situações que a leitura e escrita têm sido desenvolvidas em sala de aula de forma dissociada, existe a falta de formação para os professores de Língua Portuguesa e a falta da corresponsabilidade das demais disciplinas no processo de escrita. Nota-se que nas ATPCs não há um alinhamento pedagógico de forma a alinhar todas as disciplinas no desenvolvimento do aluno, pois o trabalho tem sido fragmentado. Mesmo quando pretendem desenvolver um projeto interdisciplinar, dificilmente os professores desenvolvem de maneira eficaz, mesmo que o tema seja igual, não reavaliam o processo e essa falta de organização e formação pedagógica é refletida no estudante, que não tem interesse em aprender, pois não percebe o sentido do que é desenvolvido e até produzem uma escrita a serviço dos deveres escolares, como um simples cumprimento de tarefa e esperam uma nota pelo que foi escrito. Tudo isso resulta em cansaço, desmotivação e desenvolvimento de atividades mecânicas em professores e alunos, além de um trabalho pedagógico fracassado.

Uma das metas do Plano Nacional de Educação 2014-2024 é elevar para 93,5% a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional e para que isso seja possível, as instituições de ensino precisam enxergar a leitura e a escrita como instrumentos de libertação, que promovem o progresso social. É preciso não fragmentar o estudo, compreender o processo da escrita não apenas como um conjunto de regras linguísticas, mas como um meio para a formação do homem. A escola precisa repensar seus padrões de concepção e metodologias para se trabalhar as habilidades concernentes às competências leitora e escritora, aproveitando as aulas de trabalho pedagógico coletivo como um momento de formação em que professores e gestores identifiquem a causa raiz das fragilidades na escrita, buscando empreender ações que possam impactar de forma eficaz no processo de ensino aprendizagem.

Além disso, é preciso aproximar os alunos do aprendizado, desenvolvendo a leitura e a escrita dos diversos gêneros textuais, privilegiando também, além da norma-padrão a linguagem informal, quebrando a barreira do preconceito linguístico, valorizando gêneros como poemas, cartas, contos, produções artísticas etc. Isso porque, é necessário ampliar as possibilidades comunicativas e tanto o professor, quanto o aluno precisam romper o paradigma de uma língua inflexível. Conforme Colello (2012, p.41),

“[...] o texto pode ser também objeto de fruição e expressão informal. Sem desmerecer a importância dos textos informativos, o que está em questão é a supervalorização deles em oposição a outras maneiras também legítimas de dizer pela via escrita”.

Através desta proposta, é mais fácil promover um atendimento igualitário, respeitando o princípio da equidade, a todos os estudantes, visto que muitos alunos de